

**"FRACASSO ESCOLAR E A QUESTÃO  
DA DEFICIÊNCIA LINGUÍSTICA"**

94/I

Por

Valéria de Godoi Rodrigues

Monografia de final de Curso  
apresentada a Universidade do Rio de  
Janeiro - UNI-RIO, para obtenção do  
grau de Bacharel em Pedagogia.

Orientadora: Ligia Martha Coimbra da Costa Coelho

Rio de Janeiro

1994

## DEFICIÊNCIA OU OPRESSÃO?

Monólogo (de um Indivíduo Popular)

"Eu pensava que era pobre. Ai, disseram que eu não era pobre, eu era necessitado. Ai, disseram que era autodefesa eu me considerar necessitado, eu era deficiente. Ai, que deficiente era péssima imagem, eu era carente. Ai, que carente era um termo inadequado, eu era desprivilegiado. Até que hoje eu não tenho um tostão, mas eu tenho um bom vocabulário."

(Im: Magda Soares . *ling e escola. p.* )

Dedico Esta Monografia

A todos os professores que  
diante da realidade tão  
acintosamente opressiva,  
onde tantos são omissos e  
passivos, têm a coragem de  
levar adiante a educação  
neste país.

## AGRADECIMENTO

Obrigada, Deus por ter-me dado fé e esperança. Obrigada a vocês professores pela orientação e dedicação. Obrigada a todos vocês que de uma forma ou de outra ajudaram-me.

**"FRACASSO ESCOLAR E A QUESTÃO  
DA DEFICIÊNCIA LINGUÍSTICA"**

Por

Valéria de Godoi Rodrigues

Aprovada em \_\_\_\_ de junho de 1994.

*Ligia Martha C. da Costa Coelho*

Profª Ligia Martha Coimbra da Costa Coelho

---

Profª Rosa Maria N. Tavares Cavalcante

---

Profª Gilda

Rio de Janeiro

1994

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. Sistema Escolar Brasileiro:	
Considerações	5
1.1. As Artimanhas do Poder:	
	11
1.2. Realidade Social	14
2. A Instituição Escola	
2.1. Escola e Suas Contradições	17
2.2. Escola e o Ensino da Língua	20
2.3. O Ensino da Língua e a Questão da Avaliação	25
3. A Pesquisa	
3.1. Contexto da Instituição	28
3.2. O Mundo da Sala de Aula	30
3.3. A Fala do Professor e das Mães	37
CONCLUSÃO	41
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43

## **INTRODUÇÃO**

## INTRODUÇÃO

Este estudo enfoca o fracasso escolar a partir de uma de suas causas e o entendimento do que seja o ensino da língua. ?

A escola usa e abusa da linguagem para ensinar, bem claro, o lugar de cada um na instituição e na sociedade. A maneira como se pergunta e como são aceitas as respostas; a maneira como se fala ou se deixa de falar, são usadas não para avaliar o desenvolvimento intelectual do aluno, mas como subterfúgio para dizer que ele é "burro", "incapaz" ou "excelente".

Ao aluno, não se ensina o valor funcional de sua língua. Em outras palavras: a escola não ensina ao aluno que sua maneira de falar não está errada de acordo com o contexto em que vive. Para ele não ser discriminado, taxado de "deficiente", é necessário saber usar a língua de prestígio, pois esta é aceita socialmente. A escola hoje, ainda não reconhece a importância de elucidar essa questão, pois vive o conflito da linguagem fundamentalmente a serviço das classes dominantes, cujos padrões linguísticos usa e quer ver usados; então, é mais fácil a escola julgar o aluno por ser "distraído", por ser "incapaz de aprender", de "memorizar", de "não se concentrar no que faz". Ao contrário do que a escola pensa, esses alunos possuem concentração e reflexão mais do que se imagina. A criança, quando inicia a alfabetização, já é um falante capaz de entender e falar a língua com desembaraço e precisão nas circunstâncias de vida em que necessita usar a linguagem, mas não sabe escrever e ler. É isso que ela espera da escola, mas enquanto isso não acontece, as camadas populares se distanciam cada vez mais de uma transformação social; pois a linguagem que estas camadas

apresentam são discriminadas e, como consequência, ocorre o Fracasso Escolar. Na verdade, isso não deveria existir, pois a língua portuguesa, como qualquer outra língua, não é propriedade de um indivíduo ou de um grupo fechado de pessoas, mas bem cultural e social de um povo e deve se espalhar por todos os níveis de estratificação social.

Infelizmente, a escola não consegue compreender dessa forma. As diferenças de linguagem, vistas como deficiências, geram a questão do "certo" e "errado".

É inadmissível usar os critérios de "certo" e "errado" em relação ao uso da língua. O que a escola considera "errado" não é linguisticamente melhor nem pior que o que se considera "certo"; é apenas aquilo que difere da norma de prestígio socialmente privilegiado, mas a escola insiste em ver as coisas de outro modo e não percebe que, desta forma, gera fracasso escolar.

Em 1992, estagiei num colégio do Município onde pude entender de perto algumas questões do contexto escolar, e o choque que algumas crianças têm quando frequentam uma escola, e se deparam com uma realidade que não é a sua. O que elas vêem são atividades que constituem o ensino da língua, baseados no estudo da gramática da língua legítima, leitura de texto escrito em língua legítima e correção da linguagem oral e escrita dos alunos com base nos padrões linguísticos da língua legítima.

Constatei como é impressionante a forma com que professores enfocam o "certo" e "errado" nas atividades escolares, principalmente nos exercícios de português. A escola leva os alunos a pensarem que a língua correta é a escrita (por natureza) clara, lógica, e explícita e a língua falada, que comumente os alunos usam, é por natureza mais confusa, incompleta, e

sem lógica. Isso acontece porque a escola interpreta erradamente a realidade linguística da criança, baseada na teoria da deficiência.

Infelizmente, o professor e a escola não entendem os esforços, a resistência desses alunos e continuam trabalhando, partindo do pressuposto de que seus "aluninhos" devem chegar a escola, sabendo algo que nem eles mesmos sabem ensinar exigindo a todo custo o reconhecimento da língua legítima, no entanto, não ensinam como conhecer, no sentido de produzir e consumir.

Em outras palavras: A escola leva os alunos pertencentes as camadas populares a reconhecer que existe uma maneira de falar e escrever considerada "legítima", diferente daquela que dominam, mas não levam a conhecer, como ela realmente funciona. Não ensinando, pois, a "língua legítima", apenas ensinando a reconhecê-la, a escola cria e amplia a distância entre a linguagem das camadas populares e a linguagem da escola.

Com objetivo de ajudar aos educadores a compreender um pouco mais a realidade linguística da criança contribuindo para a explicação do fracasso escolar quando relacionado com a questão da deficiência linguística.

Partindo de um aspecto mais geral para que fosse possível chegar a pesquisa de campo os capítulos 1 e 2 foram organizados tentando mostrar a relação entre linguagem, escola e sociedade. Através da análise de texto, o primeiro capítulo sintetiza de que forma o sistema escolar tem contribuído para escolarização e de que maneira a escola deve atingir seus objetivos no sentido de proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades. Este aspecto também será analisado no item 1.2 - Realidade Social, fazendo uma análise crítica, da importância de uma investigação dessa realidade por parte do professor e da escola. É sobre esta perspectiva, que o corpo do trabalho ganha uma grande

importância, na medida em que essa realidade aponta para uma outra questão: as distâncias linguísticas na escola; me fazendo refletir no conflito da linguagem dentro da própria escola e suas implicações na comunicação pedagógica, analisando os conceitos de "certos" e "errados", apontando críticas de como a escola tem ensinado a língua e a relação do ensino da língua e avaliação escolar.

Para entender melhor, de que forma a questão política está presente no processo do ensino da língua, e seus efeitos na escola foi necessário fazer uma análise a respeito das relações entre linguagem e classe social e o reconhecimento dos aspectos políticos-ideológicos desta relação.

Juntos todos esses dados formaram o corpo deste trabalho, me orientando para realização da pesquisa de campo.

## 1. O Sistema Escolar Brasileiro: Considerações

O sistema escolar, a rigor, é um sistema que cuida de um aspecto especial da educação a que se poderia chamar de escolarização.

A educação proporcionada pela escola assume um caráter intencional e sistemático, que dá especial relevo ao desenvolvimento intelectual, sem, contudo, descuidar dos aspectos físico, emocional, moral e social.

O sistema escolar está contido num sistema ainda maior, que é chamado de supersistema, representado pela sociedade. O sistema escolar recebe da sociedade uma série de elementos (conteúdos culturais, professores, outros recursos humanos, recursos materiais, recursos financeiros), a escola em contrapartida lhe oferece uma série de produtos (melhoria de nível cultural da população, aperfeiçoamento dos indivíduos e outros)...

Quando falo de uma melhoria de nível cultural da população significa que, à medida em que aumenta o número de egressos para a escola, aumenta a escolaridade da população, bem como se modifica o seu estilo de vida, com o aparecimento de novas aspirações.

Quando falo do aperfeiçoamento individual; o indivíduo de maior escolaridade adquire a capacidade mais significativa e dinâmica, com a visão mais ampla do mundo para uma maior realização pessoal.

A formação dos recursos humanos; no mundo atual, assume caráter de grande significação - a contribuição do sistema escolar para o mercado de trabalho, através da qualificação de trabalhadores nos diversos setores econômicos.

Enfim, a educação atualmente é vista como um investimento social de alta rentabilidade.

Depois de ter mencionado toda essa estrutura do sistema escolar brasileiro, há considerações sobre alguns problemas que o sistema tem enfrentado nos últimos anos.

Um dos principais problemas relativos ao ensino refere-se ao flagrante desrespeito ao artigo 176 da Constituição Brasileira, segundo a qual a educação é direito de todos, obrigatória e gratuita dos 7 aos 14 anos. Sabemos que grande contingente de criança de 7 à 11 anos não tem acesso à escola no país.

Além disso, é inevitável a menção à perda representada pela evasão e repetência, ou seja, o fracasso daqueles que conseguem chegar aos bancos escolares.

Embora a pirâmide educacional brasileira tenha se tornado menos afunilada a partir de algumas mudanças introduzidas na política educacional nos últimos anos, permanece o fato de que, no decorrer das quatro primeiras séries do 1º grau, a evasão e reprovação respondem por uma expressiva redução no número de crianças que se matriculam na primeira série quando os dados são comparados com os que atingem a 4ª série, quatro anos depois.

Os altos índices de reprovação na 1ª série geram, por sua vez, um verdadeiro congestionamento no início da escolarização, o que resulta na presença de um grande número de crianças na primeira série do 1º grau. São estes alunos que de ano para ano, passam a integrar as classes fracas, o contingente de "irrecuperáveis", e de "deficientes", que de acordo com a legislação, justificam a criação de classes especiais mais cedo ou mais tarde, inevitavelmente, engrossa as fileiras dos analfabetos que passaram pelas escolas.

Em relação aos períodos diários de aula extremamente curtos (na maioria das escolas os alunos nelas permanecem apenas 3 horas por dia), a precariedade do material permanente; a falta de material de consumo; de material pedagógico, e a falta de qualificação do corpo docente apresentam sempre a mesma justificativa: a impossibilidade de destinação de mais verbas para o ensino.

*Segundo Patto (1982), "apesar da necessidade de verbas, o sistema de ensino precisa de outras coisas que o dinheiro não pode comprar; que dependem única e exclusivamente da boa vontade e da decisão dos técnicos envolvidos no processo de ensino. "Idéias e coragem, determinação e uma predisposição para auto-avaliação reforçada por um desejo de mudança. Tudo isso em nome da promoção da qualidade, da eficiência e da produtividade dos sistemas de ensino concebidos como empresas, criadoras e transmissoras de conhecimentos". (pág.30)*

Além do discurso de criadoras de conhecimento, existem diversos outros, como o de que a escola é por excelência uma "agência de socialização", ou seja, uma instituição que de um lado expõe o indivíduo ao pensamento científico e enriquece-lhe o acervo de informações, levando assim, a uma visão mais moderna e mais racional do mundo, e de outro

através de critérios universalistas de avaliação, prepara-o para transição do círculo familiar para a esfera do trabalho<sup>1</sup>.

Em suma a escola deve estar em vários pontos do globo atingindo seus objetivos: proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades, como elemento de auto realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício da cidadania cosnciente e não marginalizá-lo como indivíduo deficiente.

Por isso antes de dar um enfoque sobre "realidade social" o próximo item a ser estudado é necessário fazer um esclarecimento o que foi a teoria da deficiência lingulstica para que possa ficar mais claro os capltulos seguintes.

A teoria da deficiência lingulstica, que surgiu nos anos sessenta e teve como principal responsável Basil Bernstein, sociólogo inglês, afirma a existência de diferentes tipos de linguagem, determinados pela origem social a que pertence a criança, sua linguagem e seu rendimento escolar.

<sup>1</sup>. Para melhor entender a escola como agente de socialização ver: Aparecida J. Gouveia, "A Escola, Objetivo de Controvérsia, p.32.  
In: Patto, M<sup>ª</sup> Helena Souza. "Introdução a Psicologia Escolar, 1982.

Segundo esta teoria, o uso da linguagem é função do sistema das relações sociais: a forma de relação social atua seletivamente sobre o que, quando e como é falado, regulando as opções do falante nos níveis léxico, sintático e semântico. A consequência são diferentes códigos linguísticos, que assim criam para o falante diferentes ordens de relevância de organização da realidade, ou seja: é a estrutura social que determina o comportamento linguístico.

Segundo Bernstein, uma sociedade dividida em classes pode identificar a existência de duas variedades linguísticas, dois "códigos" determinados pela forma de relação social: o código elaborado e o código restrito. Esses diferentes códigos resultariam da diferença do processo de socialização que ocorre em várias classes sociais.

Para Bernstein, o uso do código elaborado ou restrito significa o acesso às formas de pensamento qualitativamente diferentes, significando sobretudo a posse ou não da capacidade de adequar a linguagem ao contexto, ou seja, o processo de socialização, típico da classe média, dá a criança a capacidade de usar dois códigos de acordo com a exigência do contexto: ela é capaz de expressar significados e de usar o código elaborado e o código restrito; já o processo de socialização da classe trabalhadora orienta a criança para significados particularistas, para o uso do código restrito.

Enfim, segundo Bernstein, essas diferenças são particularmente importantes para a área da educação, uma vez que a transmissão de significados universalistas usa e quer ver usado o código elaborado. Pressupõe, portanto, nos alunos, a vivência das formas de socialização que conduzem a esse código e as formas de pensamento que a ele dão acesso. Isso explica, na perspectiva de Bernstein, o fracasso escolar das crianças de classe trabalhadora, que seria culturalmente produzido através da mediação

do processo linguístico que essas crianças teriam vivenciado em sua socialização. Para a criança que dispõe do código elaborado, a experiência escolar é apenas um desenvolvimento simbólico e social.

Bernstein, afirma repetidas vezes que um código não é melhor que o outro, que o código restrito não deve ser considerado "inferior". Na verdade, ele tem uma estratégia própria: é rico, no uso de metáforas, possui simplicidade, vitalidade e ritmo.

Para Bernstein, as dificuldades de aprendizagem da criança de classe pobre não se devem a deficiência de sua linguagem, mas ao confronto entre o código no contexto da instituição escolar.

Em síntese, a afirmação central de Bernstein, poderia ser resumida da seguinte forma: a estrutura do sistema social e a estrutura da família modelam a comunicação e a linguagem e esta, por sua vez, modela o pensamento e os estilos cognitivos de solução de problemas. Em nenhum momento, contudo, ele emite julgamentos de valor, qualificando os códigos restrito e elaborado como "errado" ou "certo" ou "deficiente", ou normal.

Tal tipo de desvalorização corre por conta de pesquisadores e educadores que se basearam no trabalho de Bernstein e o difundiram, porém, o próprio Bernstein, em uma publicação de 1974, sentiu a necessidade de alertar para essas deformações e o uso indevido de suas afirmações. E foi assim que, involuntariamente, Bernstein colaborou com os partidários da deficiência linguística.

▪ Para melhor entender o que foi a teoria da deficiência linguística ver: BERNSTEIN, Basil. *Estrutura Social, Linguagem e Aprendizagem*. In: PATTO, Maria Helena Souza. Org., *Introdução a Psicologia Escolar*. 1982 (p. 129 - 51).

## **1. SISTEMA ESCOLAR: CONSIDERAÇÕES**

### 1.1. Artimanhas do Poder.

As idéias atualmente em vigor no Brasil a respeito das dificuldades de aprendizagem escolar se manifestam predominantemente a partir dos segmentos mais empobrecidos da população. Isto tem uma história:

→ Quando tentamos reconstitu-la, percebemos rapidamente que para entender o modo de pensar as coisas referentes à escolaridade, precisamos entender o modo dominante de pensá-las.

Logo então uma questão é bastante clara: As possibilidades de ascensão numa sociedade são, por definições desiguais. Por isso hoje uma das preocupações com a educação atual são crianças provenientes dessas camadas culturalmente marginalizadas. Isto ocorre porque a escola como instituição, a serviço da sociedade capitalista assume e valoriza a cultura das classes dominantes, assim o aluno proveniente da classe dominada nela encontra padrões culturais que não são os seus e que são apresentados como "certos", enquanto os seus próprio padrões culturais ignorados, ou desprezados como "errado". Dessa forma o sistema de educação ainda hoje desempenha uma função social mais profunda na contribuição da estrutura de classes sociais, ou seja, dentro da nossa sociedade, os padrões culturais das classes justamente porque são os padrões culturais desses grupos passam a constituir a cultura socialmente privilegiada e considerada superior, "a única legítima".

É dessa forma que a nossa escola tem se mostrado incompetente para a educação das camadas populares gerando fracasso escolar, o que tem tido graves efeitos não só de acentuar as desigualdades como legitimá-las.

Grande parte da responsabilidade por essa incompetência deve ser atribuída a problemas de linguagem: o conflito entre a linguagem de uma escola fundamentalmente a serviço das classes privilegiadas e a linguagem das camadas populares que essa escola censura é estigmatizada e uma das principais causas do fracasso escolar dos alunos pertencentes a elas.

"Esse conflito só pode ser compreendido numa perspectiva social: a sociologia através de análises, vem desvendando os pressupostos ideológicos do fracasso das camadas populares na escola. A sociologia da linguagem que vem interpretando as condições sociais da comunicação, explica as relações de forças linguísticas que atuam na sociedade e, conseqüentemente, na escola, revelando co-variações entre fenômenos linguísticos e fenômenos sociais, identificando diferenças que hoje geram antagonismo nas escolas"<sup>2</sup>.

O que percebemos com tudo isso é que mais uma vez esbarramos com as artimanhas do saber, pois apesar da área de educação ter buscado cientificamente o problema da aprendizagem e do fracasso escolar na escola das crianças pobres, essa análise científica que inclusive a psicologia também se encarregou, se através da caracterização dessas crianças por meio de aplicações de testes, entrevistas e observações de comportamento escolar, etc. O que percebemos são meras artimanhas do poder, pois estes estudos partiam sempre de um modelo implícito "ideal" de comportamento em comparação com o qual as crianças pobres eram avaliadas - o comportamento da classe socialmente privilegiada, social e

<sup>2</sup>. Ver: Soares, Magda. *Linguagem e Escola: Uma Perspectiva Social. Especialmente Capítulo I.*

economicamente privilegiada e o resultado não poderia ser outro: apontam as crianças pobres como "deficientes", culpando disso a própria criança e seu contexto de vida, dissimulando de alguma forma verdadeiras razões sócio-político-econômicas de desigualdade, ou seja, as artimanhas, do poder na nossa sociedade.

Dessa forma, a escola tem tido a função de manter e perpetuar a estrutura social suas desigualdades e privilégio conferindo prestígio na medida em que converte a cultura e a linguagem dos grupos dominantes em saber escolar o legítimo.

As artimanhas do poder se fazem dessa forma levando a reforçar assim a dominação que determinados grupos exercem sobre outros. As relações de comunicação linguística são relações força de poder numa sociedade capitalista, quero dizer: a comunicação linguística define quem pode falar, a quem, e de como atribuir o valor e o poder da linguagem de um e o desprestígio da linguagem de outro, impõe silêncio, e o papel de porta voz a outros. Como exemplo, verificamos que em determinados lugares quando certas pessoas falam ou escrevem usando a linguagem de prestígio elas são respeitadas, acreditadas, apreciadas, pois sua linguagem é conhecida como legítima.

Na escola a comunicação pedagógica pode ser determinada pelo professor, que representa a estrutura social em que o ocorre.

Então o professor, que para isso recebe uma delegação do sistema de ensino - que tem poder de decidir as mensagens que merecem ser transmitidas, e o direito de impor a recepção dessas mensagens; e isso se faz através de sua linguagem.

Então o fracasso escolar dos alunos provenientes das camadas populares sofre na sociedade como um todo, atendendo aos interesses da classe dominante.

Nossa perspectiva, não é só a escola, instituição a serviço da classe dominante, o campo em que devem se travar as lutas contra o fracasso escolar e resolver a questão que hoje é vista como deficiência linguística.

Quero dizer que numa sociedade marcada pela divisão de grupos antagônicos somente a diminuição dessas discriminações e das desigualdades sociais pode garantir igualdade de condições de rendimento escolar.

No decorrer do trabalho veremos de que forma isso pode acontecer e de que maneira a escola vem atuando; bem como a forma de lutar para mudar, pois de uma coisa podemos ter certeza: uma escola transformadora é uma escola consciente de seu papel político na luta contra desigualdades, e por isso deve assumir a função de proporcionar às camadas populares, através de um ensino eficiente, os instrumentos que lhe permitam conquistar amplas condições de participação e reivindicação dentro da sociedade.

## **1.2. Realidade Social**

Já há algum tempo as teorias pedagógicas enfatizam a necessidade de práticas educativas que se pautem na realidade social dos alunos. O conhecimento dessa realidade pode orientar o professor na seleção e organização dos textos didáticos, ajudando-o ainda a compreender

os hábitos e atitudes de seus alunos e seus anseios sobre determinados assuntos.

Enfim, como referente, essa realidade aponta para as distâncias linguísticas existentes na escola. Daí, portanto, os objetivos educacionais, os métodos de ensino, como o sistema de avaliação, não podem ser estranhos a essa realidade.

Parece evidente que essas observações são extremamente importantes para a prática do magistério. Porém, a proposição a partir da realidade social do aluno compõe um alto grau de complexidade.

O que quer dizer isto para o professor? Que representações ou imagens se formam em seu pensamento quando se enuncia o termo "realidade"?

O filósofo francês Merleau Ponty já dizia que "a realidade é o que vemos, contudo, precisamos, aprender a vê-la<sup>3</sup>".

Cada realidade social é dotada de uma inteligibilidade própria, permanecendo normas, interesses coletivos, valores, princípios morais, enfim, a vida coletiva dos indivíduos.

3. Merleau Ponty, *O Invisível e o Invisível*. In: Teves, Nilda. *Imaginário Social e Educação*. São Paulo: Gryphos.

Investigar, pois, uma realidade social pressupõe contar com um conjunto coordenado de representações, uma estrutura de sentidos, de significados que circulam entre seus membros mediante diferentes formas de linguagem.

Quando se fala imagina-se, pressupõe-se que o outro está nos entendendo e ainda espera-se dele alguma resposta. É nossa expectativa em relação a eles. É como se universalizássemos os comportamentos, as atitudes dos indivíduos que nos cercam.

Como matéria concreta, a realidade sintetiza o processo dialético da atividade humana exercido na sua objetivação. Aprendê-la significa investigar sua dupla dimensão objetiva e subjetiva, que se incorpora na ação coletiva dos membros do seu grupo, ora convergindo para o consenso, ora convergindo para o conflito.

Quando refletimos sobre a realidade sob uma perspectiva positivista, a realidade do aluno se reduz ao conjunto de aspectos possíveis a serem observados empiricamente. As suas condições de vida passam a servir de critérios para sua própria identificação: ele é morador de um favela, seus pais são separados, ele convive com péssimas condições de higiene, o vocabulário é bastante restrito, sua alimentação é precária, enfim, é possível identificá-lo mediante uma metodologia especificamente classificatória. O resultado desse tipo de tratamento ao aluno é confundido com suas condições de existência.

Identifica-se nele mais do que lhe falta, sem se discutir porque lhe falta o sentido que tem para eles aquelas faltas. Elabora-se com isso o discurso descritivo da carência:

Não se trata aqui de advogar em defesa da miséria em que vivem esses alunos, mas de tentar compreender, não só o sentido que tem para eles as condições que enfrentam no cotidiano, como também os mecanismos a que recorrem para suportar a miséria, ou seja, é necessário compreender as suas atitudes face a essas condições. É com base na situação existencial dos indivíduos e dos grupos, no conhecimento de suas necessidades, de seus desejos, que se pode captar o sentido que tem para eles a vida naquelas condições e só então ver a realidade social, tentando encontrar meios de trabalhar com ela; caso contrário, a prática educativa reduz-se a uma farsa onde professores e alunos, cada qual em seu mundo, fingem que trocam informações e conhecimento.

## **2. A INSTITUIÇÃO ESCOLA**

## 2.1. Escola e suas Contradições.

No Brasil, o discurso em favor da educação, é antigo, principalmente o que se refere à melhoria qualitativa de ensino.

Assim, as expressões de igualdades educacionais e educação como direito de todos tornaram-se um discurso repetido em favor da democracia do saber.

Para Magda Soares (1992) "...a democratização da escola tem sido encarada sob diferentes ângulos.

Ao longo do tempo, o discurso pela democratização do ensino ora, toma uma direção quantitativa, em defesa da ampliação das ofertas educacionais, aumento de números de escolas para as crianças populares, obrigatoriedade do ensino elementar, ora se volta para a melhoria qualitativa do ensino - reformas educacionais, introdução de novas metodologias de ensino, aperfeiçoamento de professores. Apesar dos diferentes discursos, não faz da escola o que pretenda que seja. Nessa luta, porém, o povo ainda não é vencedor, continua vencido".

(pág. 8-9)

O que percebo é que embora os órgãos oficiais de ensino proclamem a escola como uma escola democrática e até mesmo favoreçam o acesso as escolas não oferecem as condições de trabalho, condições mínimas que assegurem o funcionamento da mesma condições de trabalho, condições de aprendizagem dos alunos, isto é, buscar uma adequação pedagógico-didática a clientela majoritária que hoje frequenta a escola pública. Desta forma a repetência - isto é, a não aprendizagem - e a evasão - isto é, o abandono da escola -, explicam esse progressivo afunilamento, que vai construindo, o fracasso escolar.

Por outro lado, como fazer os professores entenderem as metodologias utilizadas? O que devem avaliar, se escola como instituição a serviço da sociedade capitalista, assume e valoriza uma só cultura? Tomemos como exemplo a aprendizagem da linguagem:

Hoje sabemos que a escola seleciona seus objetivos segundo os padrões culturais e lingüísticos das classes dominantes, enquanto desqualifica os padrões da classe dominada.

A linguagem que é ao mesmo tempo o principal instrumento de transmissão, serve também de confronto e comparação entre os usos da língua numa mesma cultura, ou seja, existe um confronto entre a língua da classe dominante para a dominada e nesse quadro de confrontos, essa linguagem é um dos fatores principais na explicação do fracasso escolar das camadas populares.

É o uso da língua na própria escola que evidencia mais claramente as diferenças entre grupos sociais, e que gera discriminações e fracasso. O uso pelos alunos provenientes das camadas populares das variantes lingüísticas social e escolarmente estigmatizadas provoca

preconceitos linguísticos e leva a dificuldades de aprendizagem, já que a escola usa e quer ver a linguagem socialmente privilegiada:

*Segundo Magda? (1992), "o que existe dentro da própria escola é um conjunto de contradições, pois se a escola é que tem a função de ensinar a linguagem legítima e é exatamente por falta dessa linguagem que os alunos estão fracassando"...(pág. 62)*

Então o que está errado nesta história, se o que todos esperam da escola é que ela cumpra o seu papel de um ensino eficiente, consciente, assumindo a função de proporcionar as camadas populares a capacidade que lhes permita conquistar mais amplas condições de participação social, político e cultural?

Ora, na verdade, existe um abismo entre as promessas e a realidade; entre as intenções e os fatos; entre o que a escola deveria ser e o que ela, de fato é.

Na verdade, a escola, produz mais fracasso do que sucesso, trata uns melhor que os outros e convence que os que fracassam são inferiores. Desta forma, a escola só educa e instrui uma minoria. A grande maioria é excluída e marginalizada.

Dalí, pergunto: Será que os desprivilegiados são menos capazes que os privilegiados?

Mas será mesmo que as coisas são tão simples como parecem? Os filhos dos patrões da classe média, das famílias mais privilegiadas tem bons resultados e passam para os níveis superiores de ensino, enquanto que os filhos do pessoal de pouca renda econômica, vão de repetência em

repetência até serem obrigados a abandonar a escola? Será que essa imensa maioria de crianças de um meio social mais favorecidos?

Será que a escola é realmente igual para todos e que o fracasso ou sucesso depende dos talentos e méritos de cada um? Será que o problema está exclusivamente na própria criança ou em suas condições de vida?

## 2.2. A Escola e o Ensino da Língua

*Segundo Cagliari (1991), "Objetivos mais geral do ensino da língua em todas as séries da escola é mostrar como funciona a linguagem humana e, de modo particular, o português; quais os usos que tem, e como os alunos devem fazer para entenderem o máximo, ou abrangendo metas específicas esses usos nas suas modalidades escrita e oral, em diferentes situações de vida. Em outras palavras o professor deve ensinar os alunos o que é a língua, quais as propriedades e usos que realmente tem, qual é o comportamento da sociedade e dos indivíduos com relação aos usos lingüísticos, nas mais variadas situações de sua vida". (pag.28)*

Porém, este objetivo, não está presente na realidade de muitas escolas e o que percebo que aos alunos não se ensina adequadamente como ele fala, qual o valor funcional de sua língua como se compõe a morfologia, desta a sintaxe, a semântica, etc.

Daí, por exemplo o aluno faz centenas de redações e não sabe realmente porque está fazendo, como elaborar um texto escrito ou dizer texto oral.

*(Segundo Cagliari (1991)) "a criança quando inicia a alfabetização já é um falante de entender e falar a língua portuguesa com desembaraço e precisão nas circunstâncias de sua vida, em que precisa usar a linguagem<sup>1</sup> e é sobretudo isso que ela espera da escola." (pág. 29)*

Há aspectos específicos, técnicos ao processo, como ensinar sílabas num sistema de escrita alfabética ou tonicidade das palavras como se língua fosse um dicionário, uma lista de palavras; mas além disso há o problema da escola não saber como as pessoas de fato pronunciam os sons, como aprendem a língua.

Essa falta de conhecimento verdadeiro é suprida com idéias estranhas e, obviamente, as consequências não recaem apenas na metodologia que a escola utiliza, mas sim sobre os alunos na hora de serem avaliados.

1. Linguagem e língua são usados como sinônimos neste estudo

Então o aluno é reprovado, é tachado de deficiente, burro, incapaz de discriminar sons e imagem, de se concentrar no trabalho intelectual e isso é um crime contra as crianças, porque não é verdade.

Existe uma avaliação errada no processo escolar, pois há uma visão deturpada do fenômeno linguístico. Por exemplo: quem já sabe é comumente prestigiado e quem se esforça, trabalha, luta por aprender é reprovado, porque no momento da avaliação não conseguiu correr com velocidade suficiente para chegar junto de outros que, simplesmente, deram alguns passos à frente. É claro que estou me referindo ao fato de um falante da "língua da escola", que já sabe falar e tem um sistema de escrita muito próximo da sua pronúncia dizendo, por exemplo, "claro, nós vamos". Por outro lado um aluno que nunca conviveu com leituras e escritas falar uma linguagem diferente da escola está muito mais afastado da forma escrita e ortográfica e de, "claro, nós vai", e tem que escrever, pode encontrar maior dificuldades na alfabetização mas isso não quer dizer que não tenha condições para tal.

O processo na alfabetização inclui muitos fatores e quanto mais consciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição do conhecimento, de como a criança se situa em termos emocionais, da natureza linguística envolvida no momento em que está a alfabetização, mais condições terá o professor de encaminhar, de forma agradável, produtiva, o processo de aprendizagem, sem sofrimentos habituais, pois o que tenho percebido é que a escola moderna se envolveu num emaranhado de teorias e métodos, mas se afastou de fato da realidade de seus alunos, principalmente no que diz respeito à realidade linguística deles.

Dessa forma, para os alunos, a escola é um lugar no qual eles não se sentem bem nem à vontade, mesmo aqueles que fora da escola são

faladores, curiosos, espertos e alegres dentro da sala de aula, vão ficando calados, passivos e tristes.

A falta das escolas não tem nada a ver com o falar do seu dia-a-dia.

É por isso que o professor de língua, antes de mais nada, tem que ser um profissional competente, tem que conhecer profundamente a língua portuguesa, quais as etapas específicas para aquisição da língua, pois caso contrário a criança que entra na escola pode levar um choque por mais que os adultos digam que a escola é isso ou aquilo.

Se ela for pobre e vier de uma comunidade onde se fala um dialeto que sofre discriminação na própria escola, seu caso será realmente dramático. Tudo que ela conquistou até aquele momento será completamente ignorado, daí descobrirá o preconceito da escola em relação ao seu modo de falar. A escola irá dizer que ela não sabe as coisas elementares que todo mundo sabe; que fala errado, pois tem discriminação visual e age como visse as coisas espelhadas, conclusão a que o professor chega vendo que a criança confunde a escrita cursiva das letras P e B, por exemplo. A escola lhe dirá que tem problema de discriminação auditiva, porque na hora que fala troca as letras, ou seja, a escola conclui que é preciso começar tudo de novo, ou seja, a criança é considerada portadora de uma "doença educacional" chamada carência ou deficiência.

A escola, dessa forma, não só interpreta erradamente a realidade dessas crianças, como também não se preocupa com uma forma democrática de ensinar a língua.

Quando se diz que a escola precisa levar em conta a fala, muitos pensam que se deve ensinar os alunos a falar "bonito", no estilo que se escreve. Penso que esse treinamento pode até ser feito, mas não é isso que

os linguistas querem dizer, pois quando a criança ingressa na escola não entra para o mundo da linguagem da mesma forma que um aluno.

Antes de um contato com a escola, ela já foi exposta ao mundo linguístico que a rodeia e nele a própria criança foi traçando o seu caminho, criando o que lhe era permitido fazer com a linguagem.

O fato é que a escola, em geral, não compreende estas habilidades e essa falta de compreensão associada à ausência de conhecimento linguístico, tem atribuído o fracasso ao aluno, que é visto como um ser incapaz e carente.

Isso acontece porque a escola não entendeu sua realidade linguística. O fato é que quando esta criança entra no meio escolar, ela tem que aprender a falar numa língua diferente daquilo que ela sempre falou em casa com seus pais e amigos. A língua da escola deve ser uma língua bem falada, sem erros de pronúncia e concordância.

A professora, por sua vez, também fala diferente. A criança tenta falar do jeito que sabe, do jeito que sempre falou, mas sua maneira de falar é considerada "errada". A professora vem e corrige na esperança de que, decorreção em correção, todas as crianças acabarão aprendendo a "falar direito". O resultado é que muitas crianças, com medo de serem corrigidas, vão ficando quietas, no seu canto, com vergonha de falar, de perguntar e de responder.

Aos poucos, as crianças vão se tornando incapazes de se comunicar, não entendem o que a professora diz, e tem vergonha de dizer o que não entendem não conseguem acompanhar as lições, vão ficando com medo cada vez maior de falar.

Como a maneira de falar está muito ligada à maneira de pensar, de raciocinar, para a escola as crianças é que tem dificuldades de pensar e de raciocinar.

Com a escola só aceita a linguagem e a maneira de raciocinar das crianças de classe alta, a grande maioria vai se sentindo mais incapaz de aprender o que a escola ensina.

Penso que o que realmente ocorre é que a escola tem ensinado sobre a língua é muito pouco e não raramente as escolas tem noções erradas a esse respeito.

Porém, se a escola tem por objetivo ensinar como a língua funciona, deve incentivar a fala e mostrar como ela realmente funciona.

Na verdade, uma língua vive na fala das pessoas e só aí ela se realiza plenamente.

Segundo Cagliari (1991), "a vida de uma língua está na fala".  
(pág.52)

### **2.3. O Ensino da Língua e a Questão da Avaliação**

Ora, sob a perspectiva de uma análise daquilo que realmente ocorre nos sistemas de ensino, a avaliação é um dos meios mais eficazes, instrumento de controle da oferta e do aproveitamento das oportunidades educacionais e de dissimulação de um processo de seleção, em que a alguns são oferecidas oportunidades, enquanto a outros estas oportunidades são negadas, processo que se desenvolve. Segundo critérios que transcendem os fins declarados da avaliação. Segundo esses fins declarados, a avaliação educacional pretende verificar se o estudante alcançou o grau, os objetivos a que se propõem o processo de ensino.

Implicitamente e mascaradamente, a avaliação exerce o controle do conhecimento é, dissimuladamente, o controle das hierarquias sociais.

Podese dizer então que a avaliação, na verdade, limita-se às oportunidades educacionais e sociais qua a inculcação da linguagem legítima pela escola que se desenvolve como uma continuação da inculcação através da qual a linguagem é adquirida por familiarização no contexto social das classes dominantes.

Assim, as escolas supoém um domínio prévio da linguagem legítima e fixa, como tarefa, apenas a transformação do domínio prático dessa língua em domínio consciente e reflexivo. Ora, os alunos das camadas populares não tem esse domínio prático da língua legítima, consciente de uma linguagem que não tem o domínio prático pode ser desastroso. Daí a própria expressão "oportunidades educacionais" pressupõe aceitação da discriminação entre os estudantes pois, se refletimos, o princípio das oportunidades educacionais é, na verdade, o princípio das desigualdades, visto que o aluno da classe desfavorecida não tem o domínio prático da linguagem da escola, mas deve reconhecê-la como legítima na escola e na sociedade em geral. Em outras palavras: Os alunos das classes desfavorecidas devem reconhecer que existe uma maneira de falar e escrever considerada legítima, diferente daquela que eles dominam é essa que vale na hora de ser avaliado. É dessa forma que todas as atividades que constituem o ensino da língua legítima: estudo da gramática, da língua legítima, leituras de textos sempre escritos em língua legítima, correção da linguagem oral dos alunos de acordo com os padrões da língua legítima. Todas essas atividades, típicas do ensino da língua na escola, são atividades que levam o reconhecimento da língua legítima.

Creio que ao denunciar essa estreita relação entre o rendimento escolar e situações sociais demonstramos que as desigualdades escolares se devem não às diferenças de dom ou mérito, como muitos professores afirmam, mas às desigualdades culturais socialmente determinadas.

O que tenho percebido é que toda bibliografia educacional sobre avaliação em relação ao ensino da língua, insiste exaustivamente na necessidade de coerência interna do processo, isto é coerência entre a avaliação e as condições culturais do estudante, de correntes de sua situação econômica e social.

Em quase todos os países, mas sobretudo nos países subdesenvolvidos, as escolas diferenciam esses alunos. O ensino ajusta as condições de que dispõe e complacientemente medioriza o ensino dos alunos que pertencem as classes desfavorecidas, através de uma sub-escolarização.

De tudo isso, o que se pode concluir é que como afirmo no início, desta exposição, a avaliação sob uma farsa, aparência de neutralidade e de objetividade, é um instrumento por excelência, de que lança mão o sistema de ensino para o controle de oportunidades educacionais e para a dissimulação das desigualdades sociais, que ela oculta sob a fantasia do dom natural e do mérito individualmente conquistado, pois sua utilização tal como se dá na maior parte dos países subdesenvolvidos não incrementa as oportunidades, ao contrário, restringe e orienta-as, no sentido mais conveniente para a manutenção da hierarquia social.

### **3. A PESQUISA**

### 3.1. Contexto da Instituição

A Escola Municipal Professor Carneiro Ribeiro, situada no bairro de Ramos, subúrbio do Rio de Janeiro, funciona em três turnos: 7:30 às 11:00 h, das 11:00 às 15:00 h e das 15:20 às 19:20 h.

Quando comecei a frequentar a escola, tendo em vista a contribuição para o trabalho proposto o fracasso escolar e a questão da deficiência lingüística - foi sem dúvida, emocionante rever a escola em que conclui o primeiro grau, retornando agora para uma pesquisa de campo como futuro profissional em educação.

Este método de pesquisa prevê também a subjetividade do pesquisador no processo de interpretação das situações com que se defronta. observar, pensar, imaginar o que é possível ou não, constituem um só processo dialético. Por isso, fizeram parte das observações, no que pude deixar registrado, sentimentos, idéias, imagens, impressões na medida em que participava do campo de observação da realidade em foco.

O contato com a realidade complexa e muitas vezes indecifrável da unidade escolar escolhida evidenciou que a constituição do quadro teórico que tinha não era tão simples de ser observado para desvendar alguns momentos da pesquisa. Ao contrário, a realidade estudada muitas vezes solicitou um aprofundamento teórico maior durante toda a pesquisa, buscando vários autores para resposta às situações que estava enfrentando, inclusive, buscando não só o que foi a teoria da deficiência lingüística, mas também outras teorias que indiretamente influenciavam na questão estudada.

As respostas das questões que eu me colocava foi sendo respondida a partir da convivência que eu me colocava foi sendo respondida a partir da convivência com a intimidade em sala de aula, em especial.

Ficou um pouco difícil um contato maior com a diretora para obtenção de alguns dados, mas esta garante a boa qualidade de seus professores, que são sempre dedicados na estabilidade da clientela da escola, que é diversificada quanto à origem social.

Segundo a opinião de algumas mães, "a diretora D é muito exigente, cumpridora de seus deveres; sempre está pronta a ajudar, principalmente as crianças mais necessitadas".

A limpeza, a ordem das dependências da escola o cuidado especial de todos com a instituição.

A minha pesquisa foi desenvolvida no primeiro turno. A imagem que se tem quando se chega pela manhã, onde professores se reúnem no refeitório é de perfeita harmonia.

Porém, as observações mais valiosas foram obtidas no contato com a sala de aula, através do contato mais direto com a professora - que aqui vamos chamá-la de P - , formada pela UERJ em sociologia, e do contato com algumas mães. O contato com as mães foi possível por intermédio de uma delas com quem tenho vínculos.

O que pude observar, analisando o contexto da instituição, é que a escola ainda exerce um papel discriminador, onde o professor tem dificultado o processo de aprendizagem, imaginando seqüências idealizadas de progressão em relação ao aluno, estimulando modos idealizados de fala que estariam ligados a escrita. Tudo isso torna o processo mais difícil do que deveria ser, produzindo fracasso desnecessário e estigmatizando grande parte dos alunos em sala de aula.

### 3.2. O Mundo da Sala de Aula Pesquisada.

No primeiro contato com P, falei sobre a pesquisa que pretendia desenvolver. Concordando com que frequentasse sua sala de aula, P foi bastante gentil; em nenhum momento se mostrou nervosa com a minha presença. Segundo P, a turma 402 é integrada pelos melhores alunos, o que criou dentro de mim uma expectativa de homogeneidade, que na verdade não existia, principalmente na relação do professor para com seus alunos.

Trata-se na verdade de uma classe composta de crianças que correspondem ao "aluno modelo", esses tem seus nomes no mural, como se fosse "honra ao mérito para os melhores", ou seja, os mais inteligentes da sala.

Segundo P, serve de incentivo para os outros alunos melhorarem o seu rendimento escolar. P informa que, apesar de afirmar que sua turma é integrada de bons alunos, há quatorze alunos problemáticos na questão da aprendizagem. Não foi difícil descobrir os quatorze alunos, pois estes estavam separados num canto da sala, próximos à mesa de P. P diz que prefere mantê-los próximos para ajudá-los nas suas dificuldades.

No outro lado da turma estão os bons alunos, aqueles que, segundo os critérios de avaliação são representados por conceitos A e B.

Diante desta descoberta comecei a prestar uma maior atenção em relação aos quatorze "alunos problemáticos".

De acordo com que havia combinado com P, assistiria as aulas de comunicação e expressão. então comecei a analisar o comportamento desses alunos em sala de aula, especificamente nesta disciplina; e percebi que

comunicação e expressão nada tem a ver com esses alunos, pois eles mal se comunicam com relação ao professor e nem se expressam. Isso ocorre porque a maneira em que a escola está organizada no ensino da língua não tem nada a ver com a realidade linguística, porém, para que isso possa mudar é necessário que os elementos fundamentais do processo educativo estejam adequadamente integrados em sala de aula. Na verdade, hoje percebemos em sala de aula são relações difíceis entre a professora, que não consegue ver o aluno, e o aluno que mal consegue olhar a professora.

Então como se comunicar e se expressar? como pode haver aprendizado quando professor e aluno não são capazes de discernir e compartilhar significados para os acontecimentos de sala de aula?

Pouco a pouco, o desinteresse toma conta das crianças e se alia à visão negativa e preconceituosa que as professoras tem a respeito das capacidades intelectuais e das qualidades morais de suas famílias. As avaliações negativas não sendo inculcadas dia-a-dia, apoiadas implacavelmente no desconhecimento e no desencontro.

O que percebo é que é muito mais fácil ficar no desconhecimento, não se envolver na realidade da criança, impondo a ela um mundo estranho que nada tem a ver com o seu. Então, ela vai para a escola e o que sucede? Diversos estudos dividem e fracionam o seu mundo. Assim acontece com a geografia, com a matemática, com a língua portuguesa, principalmente, com a linguagem que se choca com a linguagem da escola. Com o objetivo de mostrar como isso acontece, forneço aqui alguns exemplos observados nesta instituição, nas mais diferentes situações.

**Situação 1** - A é considerado por P como um aluno "fraquinho", não escreve as palavras direito, segundo P as vezes expressa bem suas idéias. Afirma que "A não se sai bem nos ditados".

Dito isto, comecei acompanhar os "erros" de A e constatei uma outra coisa relacionado a este fato. A professora realizava, no que diz respeito ao ensino da gramática, sempre o mesmo ritual: entregava as folhas com palavras para a cópia, sem um significado para o aluno. Prova disto é que perguntavam: "Tia, é só para copiar?" E os alunos o faziam mecanicamente.

CHARUTO	-	CHUVEIRO	-	CHUCHU	-	CHOCALHO
X _____		X _____		X _____		X _____
X _____		X _____		X _____		X _____
X _____		X _____		X _____		X _____

Esses exercícos eram para serem feitos em casa, combinado com os alunos que, na aula seguinte seriam corrigidos. P costuma ir de carteira em carteira para corrigir, e quando constata os erros, dependendo do aluno, P aponta com maior ou menor irritação, de acordo com que ela acha ser um erro grave.

A errou de novo a palavra coelhinho, pois escreveu coelinho. P pede a A que pronuncie "co - e - lhi - nho" e A diz "co - e - li - nho".

P pede a A que estude um pouco mais as palavras que contém "lha - lhe - lhi - lho e la - le - li - lo - lu". O que implicitamente ocorre é que A deve decorar as palavras, sem saber porque está errado, porém, sempre que a professora pedir que pronuncie "co - e - lhi - nho" continuará "errando" e,

dessa forma, poderá ser visto em sala de aula pela professora e colegas como incompetente, ou culpar a própria família, por não ter olhado os deveres de casa.

Na verdade, se "errou" mais errada estava a professora que constata o erro e reage sempre com as mesmas recriminações, raramente com uma ajuda realmente, ou seja, para P é válido escrever a palavra correta no quadro e estudar as sílabas. ao invés de esclarecer e facilitar a aprendizagem, induz os alunos a repetirem o erro.

Então, chegou a hora do ditado e o que aconteceu com A?

A foi a menor nota da turma, foi D, com 30 pontos.

Não pude ficar com uma cópia da prova de A, mas consegui uma cópia do exercício que foi corrigido pela estagiária do Colégio Heitor Lira.

E, a estagiária, é alertada por quanto a correção do exercícios e passa contagem dos pontos. 95 à 100 = A; 71 à 94 = B; 50 à 70 = C; 21 à 49 = D e 0 à 20 = E.

E fica em dúvida quando começa a corrigir a prova de A, que escreve com erro de concordância:

*De olhos vermelhos - (correta)*

*De olhos vermelho - (A completa a frase)*

E pergunta a P o que fazer, e P responde, "Considerar errado, foi falta de atenção, se considerar como certo A continuará escrevendo errado". Isso não é bom para ela, pois "afinal de contas estão indo para a 5ª série no final do ano, e o que a professora" a seu respeito, sem dúvida a chamará de "incompetente". P ainda ressalta dizendo que sempre gostou de lecionar e sempre achou que quando a criança quer aprender ela aprende.

Como observante, noto que ao aluno é negado o acesso à informação linguística. Antes que sejam falantes, os professores não propõem um plano de apresentação dessa informação linguística, daí a professora corrige dizendo para a criança que ela não está falando direito porque está "comendo" o s no final das palavras, não coloca s onde deve, porém, o que pude constatar é que até os professores pronunciam palavras sem o s na fala corrente e muitas vezes até cometem erros de concordância, até por falta de compreensão da própria gramática; será que foi por distração que a professora errou?

O que penso, que cobrar ou forçar desta forma, só pode trazer uma consequência: alunos mudos, paralizados, amedrontados, escolamundo à parte da vida.

**Situação 2 -** Segundo L, professora da 3ª série, "B - aluna - fala pelos cotovelos, já troquei várias vezes de lugar, mas não adianta... nunca faz os deveres de casa. Já conversei com a mãe, pra saber porque andava tão agitada, dispersa. A mãe disse que em casa estava tudo bem."

Questionei L um pouco mais sobre B, L diz que B tem algumas dificuldades, omite letras e frequentemente troca o **r** pelo **l**, falando por exemplo, "brusa" (blusa), e quando omite letras diz por exemplo "mulhe" (mulherr), lavá (lavarr). Pesquisando alguns autores para analisar esses erros, a maioria os cita como comuns, significa que os alunos os cometem por uma transcrição fonética da sua própria fala, com seus amigos, na família, e não tem de ser marginalizado por isso. Como por exemplo:

- O aluno que escreve I ao invés de E porque fala [I] e não [E]:

DISSI (DISSE)

TRISTI (TRISTE)

QUI (QUE)

- Escreve U em vez de O, porque fala [U] e não [O]:

TUDU (TUDO)

- Duas vogais em vez de uma, porque usa na sua pronúncia um ditongo:

RAPAIS (RAPAZ)

- Escreve uma vogal em vez de duas, porque fala pronuncia:

MATÔ (MATOU)

PERGUNTÔ (PERGUNTOU)

O que se fez foi exatamente o que mostram esses exemplos: B não escreve I, pois não há som semelhante na sua fala; porém o erro de B não foi entendido dessa forma, e o que pude constatar é que muito pouco se conhece sobre fala, e suas variações.

Não raramente têm noções erradas a esse respeito. A impressão que tive quando L falou das dificuldades de B, foi de preconceito,

deduzindo que B o faz por falta de atenção por estar sempre distraída, por preguiça...

O que realmente acontece é que não se permite que ela cometa erros. A idéia que se tem na escola é que se aprende a reprodução correta; a fala da escola e a fala da professora.

### **Situação 3 -**

Essa situação sem dúvida me deixou perplexa, pois como já tinha citado no primeiro capítulo, falamos tanto na realidade do aluno, que a escola deve e os professores continuam cometendo erros gravíssimos em relação a essas crianças.

Entreí na sala de um pouco atrasada e fiquei surpresa com a agitação da turma, pois afinal de contas l estava trabalhando redação para nota. o tema da redação era: Um passeio na Disneylândia, com base num texto trabalhando no próprio livro. Somente cinco crianças estavam fazendo a redação compenetradamente, o resto estava totalmente ausente.

Dal pude perceber a inibição das crianças quando a professora pede para que alguns leiam suas redações em sala de aula. Muitos ficam inibidos, sentem vergonha, não querem falar, pois não tem, o que contar o que escreveram e quando tem são histórias, que podem parecer absurdos perante seus coleguinhas. Então preferem se calar. Por outro lado, a escola cobra desses alunos coerência de pensamento, e uma fala mais fluente desses alunos. O que a escola não percebe, é que numa situação como esta o tema estava totalmente deslocado do mundo, levando conseqüentemente o aluno a não conseguir exprimir seus pensamentos em palavras; sendo tachado de deficiente.

*ruel*

▪ A Fala da Professora P.

"Acho que existe muita cobrança em relação a aprovação, e muitos professores acabam se dedicando aos que vão ser aprovados. Eu, pessoalmente já tento fazer um acompanhamento na medida do possível, com todos os meus alunos; é claro que o trabalho muitas vezes se torna difícil pois são muitos alunos, e as dificuldades são tamanhas, controlá-los a fim de manter um ambiente bom, os diferentes ritmos, as diferenças individuais, e o pouco tempo de aula, e horas e meia por dia.

Pergunte a P, se ela acha que a pobreza e rendimento escolar tem relação, e P responde: "Acredito não haver relação, na maioria das vezes, porém, se chegar ao extremo como a fome fica bastante complicado."

- Qual a relação entre escola e família? Há interesse da família?  
A família acompanha o rendimento?

P responde que "a participação da família é fundamental para o bom desempenho do aluno, quando eles se interessam cobram da criança, mesmo que não tenham condição de ensinar a matéria, pois as vezes não sabem, ou não lembram, participam, o rendimento da criança é bem melhor. É claro que existem crianças que tem condições de aprender mas não tem ambiente familiar, não estou me referindo a esta turma, pois a maioria dos pais são interessados, mas já tive casos onde há agressão entre os pais filhos; então esses alunos chegam a escola e não aprendem nada, ou seja, não tem condições emocionais para aprenderem.

Quando digo que a família pode cobrar, pode ser de uma maneira muito simples: a mãe, quando olha o caderninho da criança já é um incentivo, mas muitos pais não tem sensibilidade para dar um elogio, e

quando o filho tira notas vermelhas logo querem bater na criança, e sem dúvida não é batendo que se fará a nota vermelha virar azul.

Sei que às vezes é difícil, muitos não tem ânimo para ajudar, são pais que trabalham fora, chegam cansados e não tem ânimo para ajudar seus filhos com as lições; muitas crianças apresentam problemas individuais e emocionais muito complicados. São estas que vem para a sala distraídos, mudos, não conseguem se concentrar, falam tudo errado, não entendem o que digo. É claro que também tenho aqueles alunos preguiçosos, alguns rebeldes, tenho alunos que chegam com fome, outros não tem livro. A turma 402 é grande, e às vezes me sinto sobrecarregada e preocupada ao mesmo tempo, pois tenho uma classe superlotada, pouco material didático em poder do aluno que não tem condições para comprar."

P termina sua fala desabafando: "É difícil !!!"

*revel*

▪ A Fala das Mães.

Durante a pesquisa, senti a necessidade de ter contato com a família de alguns alunos, porém, as dificuldades com relação ao tempo impossibilitou o contato com a maioria delas. O contato com algumas mães só foi possível, pois minha prima, mãe de Jeferson, é aluno de P, permitindo dessa forma ajudar no meu trabalho.

O que pude perceber é que a maioria dos pais trabalha fora, em fábricas, em bairros próximos exercendo as mais diferentes funções. Algumas mães são domésticas, bancárias, vendedoras. Em sua maioria moram perto do "Morro do Alemão", as crianças quando não estão na escola, algumas estão nas ruas, outras brincando na casa de parentes.

A mãe de A. S., diz que é um sacrifício manter seu filho na escola mas faz de tudo para que seu filho tenha uma boa educação, faz

qualquer sacrifício para que um dia possa ter uma boa profissão, ser alguém. S faz "sacolê" e salgados e garante ter uma boa freguesia. Dona Sônia ganha com essas vendas quase um salário e meio por mês.

É dessa forma que muitas delas, até mesmo aquelas que trabalham em banco como Janete, que faz chocolate para vender na própria escola através de sua filha, que garantem algum sustento para que seus filhos permaneçam dentro da escola.

Tive contato com mais sete mães incluindo minha prima e pude observar uma coisa em comum; diante de suas precariedades ocupacionais, baixos salários, com preocupação de aluguel e de muitos outros problemas que enfrentam o assalariado, todas tem um objetivo, manter os seus filhos na escola custe o que custar.

Embora essas mães sejam otimistas em relação à educação de seus filhos, ainda não é a maioria e sim uma minoria, as outras se acham culpadas pelo fracasso de seus filhos.

Para exemplificar isso, tomamos como exemplo o caso de Y, mãe de D. Y diz "que apesar de D não tirar boas nota, sabe que não é burra, que ela é esforçada". Y diz que gostaria de ajudar sua filha, mas sabe que não tem condições, "estudei até a 4ª série em Minas Gerais, meu marido trabalha numa firma de material de construção e tem o mesmo nível de estudo que eu. A professora já disse que precisamos colocar a D para estudar mais, D está muito fraca em comunicação e expressão, é fraca em redação e interpretação de texto, se não melhor talvez fique até de recuperação".

Como D é da mesma sala de meu primo, e usam mesmo livro, foi possível analisar o que é interpretação de textos. O que pude observar é aquela velha história, exige-se do aluno um respeito cego para com o texto, ou seja, o aluno deve interpretar aquilo que ele não gostaria de dizer. As interpretações de texto são sempre uma mera cópia. Quando o aluno coloca

a mente para funcionar um pouco mais nas respostas pedidas, ou seja, com palavras diferentes, a professora risca com caneta vermelha, restringido-se apenas às palavras do autor nas respostas.

Penso que o que a escola quer é que a família, juntamente com a escola, reproduza a mera cópia buscando a aprovação sem qualificação.

Dona C, mãe de J, diz que o negócio de J não é estudar; segundo C, J gosta muito de televisão. "As vezes chamo atenção, mas não adianta. J às vezes pega o livro e fica olhando, acho que não consegue entender nada. AI fica irritada e liga de novo a televisão.

Segundo dona C, "ela quer estudar, mas não consegue. J é aluna da Profª M -3ª série. Não sei mesmo se é culpa realmente da minha filha, se tem alguma coisa que não deixa aprender ou é culpa da escola". Senti que, na verdade, dona C queria responsabilizar a professora pelas notas ruins...

Em síntese, todas esas situações apresentadas são uma pequena demonstração do que ocorre em sala de aula. Esta análise "de erros" não é somente para mostrar o professor como e porque as crianças os cometem, mas também oferecer uma amostragem que possa ser útil na análise dos erros levando o professor a refletir que nem sempre as crianças cometem erros que o professor considera gravíssimo por não entender que são fenômenos comuns da língua onde a relação entre as letras e os sons da fala é sempre muito complicada, pelo fato da escrita ser o espelho da fala. Considerando estes fatos, e atualizado sempre em relação ao ensino, o professor possa talvez apagar da sua consciência algum possível resquício de desejo de acomodação, que pode levar ao fracasso dos seus alunos.

## **CONCLUSÃO**

## CONCLUSÃO

Ao concluir este trabalho, gostaria de dar um enfoque à questão de grande destaque - Os confrontos sobre a Pedagogia e Política. Sem dúvida, essa é uma grande descoberta da educação. Saber que a educação é uma questão política. Depois de descobrir que o professor também é um agente político, o interessante é o professor fazer uma reflexão sobre a seguinte questão: Que tipo de política ele está fazendo em classe, ou seja, estou sendo um professor a favor de quem? Ao se perguntar a favor de quem está educando o professor, o professor também deve se perguntar contra quem está educando? Tendo definido isto, terá outra grande questão a resolver: Como conciliar a prática educativa com a opção política? O educador poderá dizer: "Agora descobri a realidade da sociedade, ou seja, descobri que essa é a minha opção política", daí partirá para uma educação libertadora, porém o professor esbarra com uma outra questão. A educação não é a alavanca para transformação.

Sabemos muito bem que não é a educação que modela a sociedade, mas ao contrário a sociedade é que modela a educação, segundo os interesses dos que detém o poder. Então, esbarramos com a questão essencial deste trabalho, no que diz respeito, a linguagem, ao ensino à aprendizagem. Penso que é fundamental que nós, futuros profissionais em educação, entendamos que a linguagem é um problema ideológico, a linguagem tem a ver com classes sociais e o poder de cada classe reflete na sua linguagem, mas o professor deve saber também que o padrão que hoje governa a linguagem é o padrão da classe privilegiada. Os poderes que governam a sociedade como um todo, também tem um padrão, através do

qual julgar a linguagem então se o professor quer ensinar competentemente, deve conhecer bem o critério da elite através do qual a linguagem é valorizada. É um critério de linguagem difícil de ser alcançado pelas pessoas comuns de baixa extração econômica - algo que o professor aceita sem culpar as crianças pelos seus erros na utilização da língua. Ao entender os aspectos elitistas e políticos do uso padronizado da língua, o professor evita ocupar as crianças pelo choque entre sua própria linguagem e as formas em vigor.

E finalmente, os professores, tem que dizer aos alunos que apesar de ser bela a forma como se fala, também inclui a questão do poder. Por causa do problema político, você precisa aprender apropriar-se da linguagem dominante para que você possa sobreviver na luta para mudar a sociedade.

Porém, ainda existe uma dúvida; se você ensina o uso correto da linguagem, o estudante pobre ou da classe trabalhadora pode exatamente absorver a ideologia dominante através do uso da linguagem elitista. Sim, isso é um risco, mas por outro lado, a reprodução na sociedade e a linguagem é apenas um dos mecanismos. O que penso é que não podemos sonegar dos estudantes da classe trabalhadora o domínio de alguns princípios da gramática da classe dominante. Não dominando as formas elitistas, fica mais difícil para eles sobreviver e lutar.

Então, o que precisávamos fazer é mostrar aos estudantes que precisam dominar este tipo de linguagem, não só para sobreviver, mas, sobretudo, lutar contra a classe dominante diminuindo um pouco com as discriminações provocadas pelo uso.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Ordem alfabética!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. PATTO, Maria Helena Souza. A Produção do Fracasso Escolar. 6ª ed. São Paulo: Queroz. 1993
2. CAGLIARI, Luis Carlos. Alfabetização e Linguística. 3ª ed. São Paulo: Scipione. 1991.
3. SOARES, Magda. Linguagem e Escola, Uma Perspectiva Social. 9ª ed. São Paulo: Ática. 1991.
4. LEMLE, Miriam. Guia Teórico do Alfabetizador. 5ª ed. São Paulo: Ática. 1991.
5. PRETI, Dino. Sociolinguística: Os Níveis da Fala. 4ª ed. São Paulo: Nacional. 1987.
6. PATTO, Maria Helena Souza. Introdução a Psicologia Escolar. 1ª ed. São Paulo: Queroz. 1982.
7. FREIRE, Paulo. Medo e Ousadia. O Cotidiano do Professor. 4ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
8. TEVES, Nilda. Imaginário Social e Educação. Rio de Janeiro: Gryphos. 1992.

9. PIMENTA, Selma Garrido e outros. Escola Nova, Tecnicismo e Educação Compensatória. 2ª ed. São Paulo: Loyola. 1979.
10. LIBANEU, José Carlos. Democratização da Escola Pública. A Pedagogia Crítico Social dos Conteúdos. 9ª ed: São Paulo. 1993.
11. FERREIRO, Emília. Com Todas as Letras. 2ª ed. São Paulo: Cortez. 1993.
12. OLIVEIRA, Miguel Darcy e outros. A Vida na Escola e a Escola na Vida. 12ª ed. Rio de Janeiro: Vozes. 1982.
13. SAVIANI, Dermeval. Escola e Democracia. 22ª ed. São Paulo: Cortez. 1989.
14. SILVA, Ezequiel Theodoro. O Combate a Alienação Imposta. 2ª ed. São Paulo: Cortez. 1991.